

---

## RESISTÊNCIA, NÃO-VIOLÊNCIA E COLETIVIDADE EM “SIN MIEDO: FORMAS DE RESISTENCIA A LA VIOLENCIA DE HOY”, DE JUDITH BUTLER

RESISTANCE, NON-VIOLENCE AND COLLECTIVITY IN JUDITH BUTLER’S “SIN MIEDO: FORMAS DE RESISTENCIA A LA VIOLENCIA DE HOY”

RESISTENCIA, NO VIOLENCIA Y COLECTIVIDAD EN “SIN MIEDO: FORMAS DE RESISTENCIA A LA VIOLENCIA DE HOY”, DE JUDITH BUTLER

---

Amanda Kovalczuk de Oliveira Garcia<sup>1</sup>

*Sin Miedo: formas de resistencia a la violencia de hoy*, publicado no primeiro trimestre de 2020, reúne uma série de conferências realizadas por Judith Butler nos anos de 2018 e 2019, em diversas universidades da América Latina e Europa, abordando temas que incluem resistência, não-violência e coletividade.

O livro está dividido em cinco seções. A primeira, intitulada *Discurso Valiente y Resistencia*, conferência dada em Berlim, no ano de 2018, dá início à obra ao discutir a valentia e o direito de assembleia para além dos limites impostos pelo neoliberalismo. Neste capítulo, Butler questiona se o modelo de discurso valente teria lugar nos movimentos coletivos e assembleias contemporâneas, entendido enquanto expressão coletiva. Partindo do conceito de *parresía*, de Michael Foucault, a autora responde afirmativamente à pergunta colocada. A partir dessa proposta inicial, Butler sugere abandonar o lugar da valentia como virtude moral e expressão do indivíduo, passando a defendê-la como “traço e efeito das relações sociais, em especial as relações de solidariedade.” (BUTLER, 2020, p. 10, tradução livre)<sup>2</sup>.

Ao mesmo tempo, a autora propõe um olhar alerta para os perigos de romantizar a solidariedade e as assembleias. As assembleias valentes, conforme Butler, surgem tanto na esquerda, quanto na direita; tanto na radicalidade

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS).

<sup>2</sup> No original: “rasgo y efecto de las relaciones sociales, en particular de las relaciones de solidaridad.” (BUTLER, 2020, p. 10).

democrática, quanto no autoritarismo. Como, então, distinguir o discurso público de caráter evidentemente racista, que se crê silenciado e se vê justificado ao se expressar contrariamente às políticas de igualdade, ocupando-se de disseminar o ódio e animar o fascismo, do discurso antirracista de resistência? A resposta passa por encontrar conceitos que permitam diferenciar essas assembleias. Para isso, a autora recomenda observar seus objetivos e sua estrutura. Nos objetivos, deve-se observar não apenas aqueles que perseguem, mas também – e em especial – o ideal de mundo que buscam desconstruir. Butler sugere, então, que a definição de valentia seja feita “apenas em relação aos poderes aos que se opõe”, julgando tais poderes de forma que “nossa valentia seja a manifestação pública desse juízo.” (Idem, p. 12, tradução livre)<sup>3</sup>. Na estrutura, por sua vez, deve-se observar as características internas que traduzem o modelo do mundo que se pretende construir ou desafiar. Nesse sentido, uma assembleia igualitária trará na igualdade, horizontalidade e antiautoritarismo a sua forma de gestão interna.

A segunda seção, intitulada *Una crítica de la violencia en nuestro tiempo*, consiste em uma conferência realizada na Universidade de Guadalajara, México, em 2018, e aborda as possibilidades de aliança política de não-violência em torno do luto. O texto propõe uma reflexão sobre mortes enlutáveis e vidas vivíveis, sendo guiado pela seguinte pergunta: “de quem são as vidas que se consideram choráveis no nosso mundo público?” (Idem, p. 20, tradução livre)<sup>4</sup>. O ensaio se desenvolve a partir do rechaço à violência humana, seja pelas mortes causadas de forma direta pela ação humana direta; seja pelas provocadas pela ação de instituições e negligência sistemática de Estados.

Como bem ressalta Butler, ainda que o texto versa sobre a morte e a violência, o cerne de sua teoria está na afirmação da vida. Assim, ao conceito de vida *enlutável*, relaciona-se o conceito de vida *vivível*, isto é, a aspirar a ter direito a uma vida que não seja vitimada pela violência. A enlutabilidade, assim, não se relaciona somente com a perda, mas “é operativa ainda em vida” (Idem, p. 28, tradução livre)<sup>5</sup> e, distribuída desigualmente, “influencia diretamente o trato justo e igualitário que

---

<sup>3</sup> No original: “solo en relación a los poderes a los que se opone” e “que nuestra valentía es la manifestación pública de ese juicio.” (BUTLER, 2020, p. 12).

<sup>4</sup> No original: “¿De quiénes son las vidas que se consideran llorables en nuestro mundo público?” (BUTLER, 2020, p. 20).

<sup>5</sup> No original: “[la llorabilidad] es operativa aun en vida (BUTLER, 2020, p. 28).

dispensamos ou não aos distintos grupos em sociedade” (Idem, p. 28, tradução livre)<sup>6</sup>.

Neste capítulo, argumentando pela privação ao direito de uma vida vivível enquanto injustiça radical, Butler propõe uma ética de não-violência como forma de resistência que conecta justiça a luto. O luto enquanto não-violência acontece “quando enlutamos e militamos contra a continuação da violência e da destruição” (Idem, p. 21, tradução livre)<sup>7</sup>. Assim, ainda que nem todas as perdas sejam políticas e nem todas as lutas por justiça dependam do luto, “reúnem a dor e a raiva em um esforço para construir um novo consenso e uma nova solidariedade contra a violência” (Idem, p. 27, tradução livre)<sup>8</sup>, na qual há resistência fundamental à suposição de que o mundo está estruturado sobre a própria violência e que aceitá-la é a única opção possível. Não se trata, portanto, de uma ética passiva individualista que almeja cultivar uma virtude moral interna, mas sim de uma luta ativa e continuada para existência na vida pública. Butler rechaça, assim, as acusações entre não-violência e pacifismo, definindo o fundamento da ética não-violenta na interdependência: na crença de que todas as criaturas e processos vivos – incluídos os animais, as formas de vida, o clima e o meio ambiente – são igualmente enlutáveis.

A terceira seção do livro, *Sin aliento: la risa y el llanto al limite del cuerpo*, produzida em uma conferência na Cidade do México, no ano de 2019, propõe uma reflexão sobre “o potencial político do ruído” (Idem, p. 38, tradução livre)<sup>9</sup>, para desafiar a linguagem institucionalmente autorizada. Partindo da ideia de que a experiência no mundo acontece por meio de uma ampla possibilidade de sentidos, Butler chama atenção para o potencial disruptivo do barulho produzido pelo corpo na perturbação da esfera pública em uma época de auge do autoritarismo.

Como ponto central do texto, a filósofa relaciona a produção de sons à resistência de fazer-se escutar, isto é, ter as suas demandas reconhecidas no âmbito da democracia parlamentar. Assim, o corpo e os ruídos por ele produzidos são reconhecidos por Butler (2020) como formas de desafiar a verbalização do discurso. O sofrimento e a alegria, por exemplo – ou, como indica o título do ensaio, o *luto* e o

---

<sup>6</sup> No original: “[la llorabilidad] influye directamente en el trato justo e igualitario que dispensamos o no a los distintos grupos en sociedad.” (BUTLER, 2020, p. 28).

<sup>7</sup> No original: “cuando nos dolemos y militamos en contra de la continuación de la violencia y la destrucción.” (BUTLER, 2020, p. 21).

<sup>8</sup> No original: “reúnen el dolor y la rabia en un esfuerzo por construir un nuevo consenso y una nueva solidaridad contra la violencia.” (BUTLER, 2020, p. 27).

<sup>9</sup> No original: “el potencial político del sonido”. (BUTLER, 2020, p. 38).

*riso* –, possuem natureza corpórea, expressando-se por sons involuntários, modificando o ritmo da respiração e o tom da voz. Ao mesmo tempo, corpos resistem a empurrões, choram perdas e suportam a pobreza. São manifestações corporais do sofrimento político; corpos cuja resistência se dá por outros meios que não a linguagem e a comunicação. A resistência, nesse campo, acontece também pela interrupção da comunicação, seja pelo choro, seja pelo riso, seja por sons que forçam a pausa do discurso verbal. Essas condições corpóreas, segundo a autora, “são as condições da própria vida” do sujeito (Idem, p. 45, tradução livre)<sup>10</sup> e o “limite físico da própria vida” (Idem, p.45, tradução livre)<sup>11</sup>. São condições que desafiam a ideia de que reações corporais podem ser, em sua totalidade, traduzidas à palavra e ao raciocínio.

Na quarta seção do livro, *Crítica, discrepancia y el futuro de las humanidades*, conferência que teve lugar na Universidade de Santiago do Chile, em abril de 2019, Butler contextualiza os ataques atualmente sofridos pelas Ciências Humanas na academia e pergunta: o que significa celebrar as humanidades e como podemos imaginar o seu futuro? Essa provocação imaginativa contém em si mesma uma reflexão sobre a incompletude e a imprevisibilidade do futuro: prevê-lo completamente implica renunciar a ele em função da ausência de possíveis alternativas, cedendo à desesperança política. A partir disso, a autora tece uma análise da importância da crítica.

O academicismo crítico, segundo Butler, “questiona as normas e convenções que têm governado como pensamos e o que escrevemos, o que se pode publicar e o que se pode comunicar” (Idem, p. 57, tradução livre)<sup>12</sup>. Assim, a reflexão crítica acontece quando “questionamos o marco, o modo de apresentação, o gênero e a forma, e compreendemos que o mundo que se põe ao nosso alcance é um mundo marcado, interpretado e orquestrado de um modo” (Idem, p. 58, tradução livre).<sup>13</sup> Esse é o ponto de referência para identificar os esforços em vetar algumas formas de conhecimento e pesquisa, como acontece atualmente com os estudos de gênero. Em

---

<sup>10</sup> No original: “[...] las condiciones de su propia vida [...]”. (BUTLER, 2020, p. 45).

<sup>11</sup> No original: “[...] límite físico de la vida misma”. (BUTLER, 2020, p. 45).

<sup>12</sup> No original: “[...] cuestiona las normas y convenciones que han gobernado cómo pensamos y qué escribimos, qué puede publicarse y qué puede comunicarse.” (BUTLER, 2020, p. 57).

<sup>13</sup> No original: “[...] nos cuestionamos el marco, el modo de presentación, el género, la forma, y comprendemos que el mundo que se pone a nuestro alcance es un mundo enmarcado, interpretado, orquestado de un modo u otro.” (BUTLER, 2020, p. 58).

tal contexto, a autora sugere que os muros da academia sejam porosos o suficiente para que, ao mesmo tempo em que se refinam os campos de estudo, se possa também formular conceitos que legitimem um modo de imaginar o futuro baseado na liberdade, igualdade e justiça. No campo dos estudos de gênero e do feminismo, por exemplo, isso implicaria no fato de as pesquisas ampararem modos de vida sem censura e violência, criando ideais normativos de conexão entre o ativismo e a academia, ao mesmo tempo em que reconhecendo as diferenças entre eles.

No exercício imaginativo do futuro, Butler (2020) apresenta a tradução como crucial para as humanidades. Não se refere, porém, de forma literal à tradução de obras teóricas, mas sim a uma “aspiração ética de viver em uma encruzilhada de línguas” (Idem, p. 66, tradução livre)<sup>14</sup>. A tradução pressupõe, assim, superar os limites do horizonte comum e permitir o desate das certezas, levando a imaginar a realidade de um outro modo. Esse é um exercício que Butler (2020) sugere para analisarmos também as transformações do mundo hoje, isto é, aproximando-nos dele com um olhar aberto, porém crítico.

Na quinta seção do livro, intitulada *Justicia y Memoria*, com origem em uma conferência dada na Cidade de Buenos Aires, em abril de 2019, Butler aborda o ressurgimento do revisionismo histórico sobre as ditaduras militares na América Latina. A autora classifica o revisionismo como uma política discursiva de negação da realidade dos crimes perpetrados nas ditaduras do continente, tratando-os como exageração injusta dos ocorridos. Reconhecendo Jair Bolsonaro como um dos líderes que publicamente assume esse revisionismo, Butler alerta para a capacidade dessas narrativas em ceifar os esforços de recuperação da memória.

Para Butler (2020), existem alguns pontos essenciais para entendermos o panorama atual da emergência do revisionismo e do neofascismo. Um deles é o entendimento de que o que acontece hoje não pode ser compreendido pelas lentes dos modelos antigos; o neofascismo, diferente do passado, emerge hoje como parte de uma versão neoliberal do capitalismo que intensifica a precariedade. Desse modo, ao minar a estabilidade laboral e gerar dívidas impagáveis, faz surgir um novo poder, que se aproveita da ansiedade generalizada, criada pela intensificação da pobreza e pela instabilidade econômica, bem como do desejo por autoridade firme e segurança.

---

<sup>14</sup> No original: “[...] la aspiración ética de vivir en una encrucijada de lenguas [...]”. (BUTLER, 2020, p. 66).

O outro reside no alerta de que “a negação do extermínio é a continuação do mesmo extermínio sob uma nova forma” (Idem, p. 71, tradução livre)<sup>15</sup>, significando, assim, que ignorar a gravidade dos crimes do passado é o que permite que, voltando-se a praticá-los, tampouco sejam tão rechaçáveis. Nesse processo, a negação da violência estatal geraria um *ethos* de legitimação das novas violências.

*Sin Miedo: formas de resistencia a la violencia de hoy* compõe uma série de falas de Judith Butler sugerindo, como tema em comum, a exploração de possíveis estratégias de resistência coletiva. Trata-se de uma obra que oferece reflexões cruciais em tempos de virada autoritarista porque, enfocando dilemas críticos atuais, oferece ferramentas teóricas para analisá-los. Para que essa análise faça jus à complexidade da realidade, Butler (2020) retorna aos seus trabalhos anteriores na defesa de uma teoria da violência que não se limita ao dano.

Em *Discurso Valiente y Resistencia*, por exemplo, a violência reside na cooptação do discurso de valentia por movimentos fascistas na disseminação do ódio, questionando as formas de diferenciar tal valentia dos movimentos de esquerda antifascistas e antirracistas. Em *Una crítica de la violencia en nuestro tempo*, a violência não se resume à morte humana, mas abrange qualquer ação direta ou indireta de negligência a todos os processos de vida e condições de vida digna. A autora avança, assim, nas teorizações iniciais de Vida Precária (2019) em articulação com as expostas em *The Force of Nonviolence* (2020). Em *Sin aliento: la risa y el llanto al limite del cuerpo*, o corpo recupera protagonismo contra o silenciamento e contra a linguagem institucionalizada que categoriza certas demandas como incompreensíveis. Em *Crítica, discrepancia y el futuro de las humanidades*, a autora evidencia os violentos ataques sofridos pelas ciências humanas nas universidades e, ao mesmo tempo, tensiona o papel da academia na busca de respostas. Em *Justicia y Memoria*, a negação da violência em si mesma é a base para a sua continuação.

Em síntese, nas reflexões trazidas subjaz uma proposta ampla sobre o que constitui a resistência em múltiplos contextos de opressão, conectando coragem à coletividade, luto e não-violência, o corpo e suas expressões não-verbais, a imaginação do futuro à crítica e, por fim, a necessidade de contínuo desafio das narrativas de negação. Resistir, em *Sin Miedo*, abrange uma estratégia coletiva de

---

<sup>15</sup> No original: “la negación del exterminio es la continuación de ese exterminio bajo una nueva forma.” (BUTLER, 2020, p. 71).

ressignificação de atos irreflexivamente entendidos como individuais, propondo-os como alianças de solidariedade.

Com isso, o discurso passa a ser criticamente analisado em seu potencial relacional; o luto é coletivizado em resistência à ideia de violência como única opção de mundo possível; e o ruído passa a ser compartilhado como ressonância entre os corpos. A academia, por fim, é colocada com o papel fundamental de habitar o desconforto da incerteza sobre o futuro, colaborando com a sua construção por meio da crítica e da criação de ideais normativos que amparem modos de vida não-violentos.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Sin Miedo: formas de resistencia a la violencia de hoy**. 1ª Ed. em formato digital [Ebook Kindle]. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2020.

BUTLER, Judith. **Vida Precária: os poderes do luto e da violência**. 1ª Ed. em formato digital [Ebook Kindle]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BUTLER, Judith. **The Force of Nonviolence: An Ethico-Political Bind**. 1ª Ed. Londres: Verso, 2020.

\* Artigo recebido em 25 de março de 2021,  
aprovado em 14 de maio de 2021.